

**BRINCADEIRAS DE
MASCULINIDADES, (RE)
CONFIGURAÇÕES FAMILIARES
E RELACIONAMENTO
INTERRELACIONAL EM *MENINO
BRINCA COM MENINA?*, DE REGINA
DRUMMOND**

*MALE RACING, (RE) FAMILY SETTINGS
AND INTERRELATIONAL RELATIONSHIP
IN MENINO BRINCA COM MENINA?* by
REGINA DRUMMOND

Rubenilson Pereira de Araujo 1

Menino brinca com menina?

Uma criança que recebe de presente bonequinhas para cuidar, dar de mamar, fogõzinhos e panelinhas onde predomina a cor rosa, está sendo preparada para o gênero feminino (passiva, cuidadosa, bondosa) e que terá na maternidade o melhor e único lugar para exercer estes atributos. Ou então, se esta criança ganha revólveres, carros, bolas e outros brinquedos que estimulam a competição e exigem esforços mentais e corporais está em curso o trabalho de fabricação do corpo para o mundo público. Os brinquedos continuam o trabalho do/a médico/a que proferiu as palavras mágicas: produzem o feminino e o masculino. Funcionam como próteses identitárias. (Berenice BENTO, 2010, p. 3).

Resumo: Neste texto, abordamos noções básicas sobre os estudos de gênero, ao exemplificar termos a respeito de sexo, gênero, identidade e orientação sexual, a fim de tentar compreender como estes conceitos se estabelecem ou articulam na representação dos discursos literários partindo como referência a obra infantil *Menino brinca com menina?*, de Regina Drummond (1999). Vale ressaltar que em determinados momentos recorremos às nomenclaturas como “cisgêneros” e “transgêneros”, ambas pertencentes aos estudos derivados da teoria queer e surgidos a partir da década de 1990. Para tanto, estabelecemos diálogos com as postulações teóricas de autores, como Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, Judith Butler, entre outros teóricos pós-estruturalistas na perspectiva dos estudos de gênero, identidades e diversidade sexual. Nesse sentido, tentamos visibilizar a ousadia dos sujeitos que intencionam vir a ser, guiados pelo desejo subjetivo, negando a possibilidade de tornar-se massa homogênea, conformados com o destino biológico ou refém dos enquadramentos socioculturalmente estabelecidos. Vale ressaltar que estes buscam o propósito de marcar as suas individualidade e as idiosincrasias. Neste sentido, propomos uma reflexão mediada pelos aportes teóricos sobre identidades de gênero e orientação sexual como “estudos transviados”.
Palavras-Chave: Literatura Infantil; Performances de Gênero; representação literária.

Abstract: In this text, we discuss the basics of gender studies, by examining terms related to gender, gender, identity and sexual orientation, in order to understand how these concepts are established or articulated in the representation of literary discourses starting with reference to children's tale, *Menino brinca com menina?*, by Regina Drummond (1999). It is worth mentioning that at certain moments we used the nomenclatures as “cisgenic” and “transgender”, both belonging to the studies derived from queer theory and emerged from the 1990s. For this purpose, we established dialogues with the theoretical postulations of authors such as Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, Judith Butler, among other poststructuralist theorists from the perspective of gender studies, identities and sexual diversity. In this sense, we try to make visible the daring of the subjects who intend to become, guided by the subjective desire, denying the possibility of becoming homogeneous mass, conformed with the biological destiny or hostage of the socioculturally established frameworks. It is noteworthy that these seek the purpose of marking their individuality and idiosyncrasies. In this sense, we propose a reflection mediated by the theoretical contributions on gender identities and sexual orientation as “misplaced studies”.
Keywords: Children's Literature; Gender Performances; literary representation.

A narrativa *Menino brinca com menina?* (1999) focaliza o discurso na 3ª pessoa, o narrador é onisciente e a ilustração é autoria de Zed. A linguagem é clara, objetiva e direcionada para o público-alvo: um leitor de séries iniciais do Ensino Fundamental, na faixa etária infantil. Há apenas um conflito e é relativamente curta, com situação inicial, clímax e desfecho. O protagonista é Carlão¹, um menino moreno e forte que gostava de brincar sozinho com brinquedo de menino: bola, carrinho, trem, avião, corda, revólver, metralhadora, cassetete, canhão...

É importante partir da premissa de que a brincadeira para meninas e meninos já denota uma forma de disciplinar um corpo. E observamos que os brinquedos descritos e nomeados como sendo de menino são exatamente os enumerados por Berenice Bento em epígrafe para a criança do sexo masculino com a finalidade de levá-lo “para o mundo público [...] produzindo o masculino e funcionando como prótese identitária” (BENTO, 2010, p. 3). Os brinquedos não descrevem masculinidades ou feminilidades, eles produzem-nas, nada é natural, trata-se de um projeto social contra as dissidências da heteronormatividade, marcado por “protocolos invisíveis²”: estes são mediados pela linguagem (verbal e não verbal) e determinam a formação compulsória de uma identidade de gênero hegemônica, visando moldar o desejo dos corpos de acordo com a matriz da heterossexualidade, desde a mais tenra idade.

Na sociedade denominada por Foucault (2009) como de vigia e de controle disciplinar ocasionando o nascimento da prisão, “uma estratégia muito acionada consiste no controle do brincar. O brincar e o brinquedo são, portanto, nesse contexto, um instrumento de poder que é acionado constantemente para definir/produzir determinadas formas de gênero” (FELIPE e BELLO, 2009, p. 150).

Os meninos são formados para a rua, o público, são soldados destinados à guerra (nessa batalha, a vida é posta em xeque em prol da conquista da vitória), enquanto as meninas são formadas para o privado, o reservado. São “próteses identitárias”, segundo Bento (2010), para produzir “gêneros inteligíveis” (BUTLER, 1999) e manter a heterossexualidade compulsória – o heteroterrorismo³. Este projeto social a favor do binarismo de gênero se evidencia na narrativa em questão com as reiterações dos pais, ao afirmarem a seguinte prática discursiva de (não) subjetivação pela mãe de Carlão: “Não botei um homem no mundo para ter um maricas em casa. E o pai achava que ela tinha toda a razão!” (DRUMMOND, 1999, p. 3).

Notamos nesta prática discursiva que os adultos ou mesmo os progenitores tendem a antecipar a vida sexual das crianças, preanunciando o papel erótico a ser desempenhado antes mesmo de o indivíduo solidificar suas posições de sujeitos, ignorando que tal atitude é precoce e que a criança deveria vivenciar primordialmente as idiossincrasias demandadas pela sua faixa etária vigente. Nesse sentido, é importante refletir sobre o que exorta Rubem Alves:

A criança é o presente, a criança não existe para ser o futuro, ela existe para ser criança, ela não está aqui para ser preparada para ser um adulto produtivo. Essa ideia de que a escola existe para destruir a criança, transformar a criança que brinca num adulto que produz, isso é de uma maldade, de uma crueldade... A criança tem seus direitos (Rubem Alves *apud* MOSÉ, 2014, p. 104).

O mais interessante no discurso da narrativa é que quem emite tal enunciado preconceituoso é a figura materna, atribuindo um nome feminino pejorativo à possível ameaça de uma identidade que contraria as normas sociais do gênero masculino hegemônico. Tal fato evidencia que questões de gênero atravessam e na maioria das vezes, inicia-se no seio familiar. Vale enfatizar, portanto,

1 Do ponto de vista linguístico-discursivo, nota-se que o nome do protagonista é voltado para a performance do gênero de reiteração da heteronormatividade compulsória, ou seja, reforça-se o apelido com o aumentativo do prenome, o que sugere virilidade, fortaleza e padrão machista.

2 Termo utilizado como subtítulo do livro e categoria de análise da pesquisa de Berenice Bento (2014) para referir-se ao processo de transgeneridade de pessoas transexuais, em que havia também os “protocolos invisíveis” que se efetivavam “nos comentários, nos olhares e nas censuras (...)” (p.65).

3 O termo “heteroterrorismo” é utilizado por Berenice Bento (2008, p. 31), a qual afirma que com a patologização da transexualidade, incluindo-a no Código Internacional de Doenças/CID, em 1980, disseminou-se a ideia de que transexuais carecem de cirurgias de transgenitalização para exercer a dita sexualidade “normal”, que seria a heterossexualidade.

que qualquer configuração legitimada socialmente é aprendida, fazendo acreditar que o processo de produção da heterossexualidade dita “natural” é um processo de terrorismo constante, um verdadeiro “caça às bruxas”, atualmente travestido ou reconfigurado em caça aos que se enquadram na sigla LGBT⁴.

A escola, como um ambiente público representante e legitimado socialmente, assume muitas vezes a função de reprodução de discursos e práticas excludentes, tornando-se muitas vezes, “como um espaço institucional de opressão, o que deve, ainda, à participação ou à omissão dos sistemas de ensino, da comunidade, das famílias, da sociedade, as instituições e do Estado” (JUNQUEIRA, 2009, p. 166). Sendo assim, o desafio da escola pública brasileira é agregar uma pedagogia que aceita, acolhe e respeita as múltiplas diferenças que integram o ser humano.

Nessa homofobia reproduzida no ambiente doméstico e alimentada na escola, na igreja e demais ambientes de socialização infantil, a criança não sabe o que é ser pertencente a estas letras, mas sabe que é algo que desencadeia o ódio, a aversão de todos ao seu redor, o que ocasiona o processo de construção de subjetividades e identidades situadas periféricamente, marcadas pelo terror e aversão à homossexualidade e, conseqüentemente, alimentando as bases machistas e misóginas de uma homolesbotransfobia social. Tal situação emerge na narrativa em questão no seguinte monólogo interior do protagonista:

Muitas vezes, Carlão ficava reparando nas meninas. E nos meninos que conversavam e brincavam com elas. “Vai ver que é depois de grandes que eles ficam maricas...”, pensava ele. “O que será mesmo, virar maricas?” Logo, porém reagia: “Não posso correr riscos! O que meu pai iria pensar de mim?” (DRUMMOND, 1999, p. 3).

Nesse aspecto, no processo de construção identitária do sujeito, a criança se vê envolta em seus questionamentos interiores e, desde idades tenras, se alimenta de um verdadeiro discurso marcado de concepção de ódio e aversão dirigido aos que empreendem a dissidência da heteronormatividade. Prevalece uma lógica sociocultural misógina para a masculinidade hegemônica dos meninos que se pauta no imperativo de que “ser homem é não ser mulher” e é preciso provar isso o tempo inteiro, negando em atos e pensamentos. As crianças, sobretudo, os do sexo masculino, são vigiados e policiados intermitentemente a fim de não cogitarem a possibilidade de “cair em tentação” da diversidade sexual, reiterando que atualmente, “a guerra não é mais entre os sexos, mas entre os homos e os heteros” (MARACAJÁ, 2013, p. 292), reforçando assim, o que Berenice Bento (2008) denomina e reitera de “heteroterrorismo”⁵.

Nesta situação bélica, a questão das identidades vivenciam contestações, sobretudo entre as ditas hegemônicas e periféricas, em que prevalecem relações de poder veiculado entre as partes, pois a identidade só existe em função da negação do outro. Nesse sentido, é importante perceber que “a identidade é sempre uma relação: o que eu sou só se define pelo que não sou; a definição da minha identidade é sempre dependente da identidade do outro”, ou seja, a ratificação ou a definição da heterossexualidade “é inteiramente dependente da definição do seu outro, a homossexualidade” (SILVA, 2000, p. 110; 111).

É necessário, portanto, um trabalho educacional árduo e contínuo no sentido de promover exercícios de alteridade e respeito à diferença, desconstruindo práticas egocêntricas e narcisistas, afinal de contas, o outro me constitui e “eu” o constituo, prevalecendo a interdependência nas relações interpessoais. Nesse sentido, as negociações devem ser constantes, pois, concordamos com Tomaz Tadeu da Silva de que “o outro é o outro gênero, outra cor diferente, outra sexualidade, outra raça, outra nacionalidade, outro corpo diferente” (p. 97).

Depreendemos ainda desse excerto da narrativa em análise que os xingamentos direcionados

4 Esta sigla corresponde à população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. No Brasil, este movimento social adotou na 2ª Conferência Nacional LGBT, ocorrida em Brasília/DF em 2011. Antes, a sigla foi GLS (década de 1970) e, posteriormente, passou a ser GLBT. Atendendo à reivindicação proposta pelo segmento lésbico contra o machismo e a misoginia, colocou-se o “L” em primeira posição a fim de visibilizar o gênero feminino e ainda o “T” representa as identidades transgêneras (travestis, transexuais e afins).
5 Podemos ratificar essa vigilância, controle e disciplinarização dos corpos masculinos infantis mediante práticas discursivas que se ouvem cotidianamente nos lares brasileiros e eram repetidas para o protagonista Carlão na narrativa em análise, como, por exemplo: “menino não chora”, “menino não brinca com menina”, “menino não brinca com bonecas”, etc.

para o *gay* são sempre adjetivações femininas, as quais o concebem como o passivo que ocupa o papel de “mulherzinha”. Notamos, portanto, que a injúria é uma tecnologia de ratificação das relações assimétricas de gênero e a homofobia masculina é eminentemente misógina.

A criança torna-se um objeto moldável nas mãos dos pais, pois não importa a sua formação identitária e sim a satisfação dos anseios de seus progenitores ou responsáveis pela sua educação. E “se na família patriarcal, a criança ocupava o lugar de ideal, como mostra Freud (1996) no artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), hoje, ela ocupa o lugar de um objeto condensador de gozo” (MARACAJÁ, 2013, p. 293). Tal pressuposto é evidenciado nesta narrativa mediante a preocupação que os progenitores projetavam na satisfação de seus ideais em relação ao filho, na condição de mero objeto para justificar suas frustrações pessoais ou seus valores invertidos, podendo culminar, inclusive, em agressões físicas paternas, caso o filho não correspondesse aos anseios a ele destinados:

A mãe [...] não admitia duas coisas de jeito nenhum: primeiro, que Carlão chorasse; segundo, que Carlão brincasse com as meninas.

[...]

Na escola, Carlão tinha de sentar-se na primeira fileira: ai dele se não soubesse tudo, se não tirasse só dez, se não fosse o primeiro da classe! Ficava de castigo! (Às vezes, até apanhava do pai, mas disso ninguém sabia...) (DRUMMOND, 1999, p. 3).

Depreende-se da prática discursiva presente neste excerto da narrativa, sobretudo no posicionamento da mãe, aquiescido pelo pai, que se trata de violências sociais contra alguns grupos, retroalimentadas e tramadas no próprio seio familiar sobre uma lógica, um pano de fundo, uma cultura falo-narcísica. Vale ressaltar que neste pensamento ainda é forte a presença do patriarcado, em que o poder exercido pelo sexo masculino é a tônica, onde até mesmo as mulheres reforçam o caráter subalterno e submisso do gênero feminino, o que leva a crer que homofobia e misoginia são internalizadas até mesmo pelos estigmatizados e ambas marcham juntas em muitas bases da sociedade.

No caso de Carlão, a família, especialmente o pai, com o aval da mãe, se sentia “extremamente ameaçados na sua própria masculinidade [se o filho], embora pequeno, não apresentasse sinais claros de masculinidade” (FELIPE e BELLO, 2009, p. 148). O suposto deslize dessa lógica imperativa culminava até mesmo em agressões físicas para um corpo infantil em formação.

As consequências dessa lógica perversa contribuem para uma cultura da barbárie, na qual não prevalece a paz, a sensibilidade e nem a solidariedade humana⁶. Predomina em nosso país, desde a educação assistemática, cultivada nos lares, a competição e o machismo exacerbado, em que a violência se torna característica “natural” do gênero masculino, comprometendo, inclusive, as sociabilidades tão importantes para o psicológico de uma infância saudável. Na leitura do enredo da narrativa em questão, as agressões físicas cometidas e sofridas por Carlão ocasionavam-lhe solidão devido à qual ele “vivia machucado, (...) sempre se gabando de ter arrebetado o outro (...) muitos inimigos e poucos amigos” (DRUMMOND, 1999, p. 3). Este pensamento medieval medido pela agressão física ignora a premissa de que por trás de alguém que fere, há um ser extremamente ferido e/ou fragilizado que parece ter necessidade de agredir/ferir o outro como mecanismo de autodefesa para permanecer forte e blindado aos possíveis ataques de ameaça à fissura da “casca dura do gênero hegemônico”, socialmente assumido.

A falta de socialização imposta ao menino Carlão ocasionava-lhe a necessidade de compartilhar momentos de brincadeiras com seus pares. Porém os limites estabelecidos e permitidos pelos pais

⁶ Segundo o relatório de 2015 do Grupo Gay da Bahia/GGB (Associação que realiza a catalogação dos crimes homofóbicos no país e age em defesa dos direitos humanos dos homossexuais brasileiros, desde 1980), em 2015 foram registrados 318 assassinatos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros no país. O GGB alerta que 2016 começou “ainda mais homofóbico. A entidade registrou 30 assassinatos de LGBT em 28 dias, um assassinato a cada 22 horas.

Fonte: <https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/2015-2/> Acesso em 03 de fevereiro de 2016.

não podiam romper as fronteiras de gênero que seus genitores compreendiam como brincadeira de menino e de menina, como se a fantasia e o desejo infantil tivessem interdições estipuladas pelo mundo dos adultos responsáveis.

Em um dia monótono de repetição de brincadeiras triviais e estabelecidas pelo pai, Carlão depara-se com um grupo de meninas brincando e ele passa a observá-las atentamente, apesar da reprovação mental aos gestos e atitudes ditas exclusivas do gênero feminino. Porém, algo prende a sua atenção até ouvir o seguinte convite: “- Quer brincar com a gente?” (DRUMMOND, 1999, p. 6). Ele resmunga e dá as costas como resposta, porém, a menina Marcela insiste em saber o porquê da recusa ao convite. Justificando, ele dispara: “Meninos não brincam com meninas. E muito menos de boneca (...) porque viram maricas!” (DRUMMOND, 1999, p. 6).

Nessa justificativa de Carlão podemos depreender de que não se trata de uma prática discursiva de subjetivação, mas a reprodução de um discurso que ele ouviu e que foi ensinado anteriormente por alguém que desempenha uma função de poder hierárquico em sua vida, ou seja, o ódio ou aversão ao outro não é natural, são aprendidos, ensinados e entronizados no sujeito por práticas de linguagens verbais e não verbais explícitas e algumas delas, implícitas nas atitudes ou gestos cultivados.

Segundo Michel Foucault (1988), o sujeito é o resultado de uma prática discursiva social. Em outras palavras, ele é sempre fabricado, moldado por um discurso. Neste sentido, a família torna-se a primeira instituição-agente na produção de fabricar corpos legíveis e legítimos, de modo a atender aos padrões de uma sociedade heteronormativa, machista, falocêntrica e misógina.

No desenlace da narrativa em questão, Carlão não resiste “à tentação” de compartilhar brincadeiras com seus pares de idade cronológica e passa a tarde toda com as meninas em processo interativo de brincadeiras de faz de conta, permitindo vazão ao desenvolvimento e fruição da imaginação típica do universo infantil.

No momento do jantar, Carlão é interpelado pela voz da mãe, chamando-o para a refeição do fim da tarde e fica apreensivo diante do dilema de revelar ou não o fato de ter brincado com as meninas, temendo um castigo severo. Mediante as perguntas do pai sobre as brincadeiras do dia sobre “matar bandido”, sentado à mesa, Carlão tenta desconversar, mas acaba confessando aos pais que brincou com as meninas.

A reação intempestiva de ambos foi momentânea: a mãe ficou totalmente espantada e embaraçada e o pai num tom de voz semelhante a um trovão, perguntou-lhe sobre o que brincaram. A resposta de Carlão iniciou trêmula afirmando:

Eu era o motorista delas... Fui também médico, dentista, professor de caratê das bonecas... Depois, polícia, mecânico... Consertei o encanamento do salão de beleza, fui maquinista da excursão e até pilotei a nave que levou as bonecas para uma viagem espacial... Brinquei de outras brincadeiras também: deu tempo de brincar de rouba-bandeira, pega-pega, corre-cutia, barra-manteiga e esconde-esconde...

De repente, Carlão se decidiu! Engrossando a voz, declarou: - Sabe pai, sabe mãe, achei brincar com elas muito legal! (DRUMMOND, 1999, p. 9; 10).

Neste discurso do protagonista podemos notar uma prática discursiva de subjetivação, pois o protagonista assume a posição de enunciação de seu discurso. Nele, é evidente o empoderamento do sujeito enunciativo que responde com sua capacidade de verbalizar a verdade dos atos cometidos e perceber que em nenhum momento, nas brincadeiras exercidas, desempenhou algum papel submisso ou transgressor, mas agiu como o companheiro, cúmplice, suporte, ombro amigo ao gênero feminino nas representações de motorista, médico, dentista, polícia, mecânico e maquinista, arrematando o prazer que sentiu na experiência da interação com as meninas.

Mediante a interpelação a qual foi exposto, percebeu-se consciente de que não praticara nenhum “delito” em relação aos papéis de gênero; ficou satisfeito por não se ver apenas reiterando a concepção sexista de que ao homem caberiam as funções públicas, enquanto, à mulher, as funções domésticas ou privadas.

Notamos, portanto, que parece prevalecer na cultura ocidental uma tentativa de dessexualizar as crianças, a vigilância que se impõe sobre os corpos infantis em separá-los de acordo com os sexos, como se a interação do masculino com o feminino representasse ameaça de iniciar precocemente a atividade sexual ou mesmo influenciar a uma suposta feminilidade na identidade de gênero em formação. Tal fato se deve, provavelmente, aos valores da civilização judaico-cristã, pois, a categorização da faixa etária da infância é recente e “até meados do século XVIII meninos e meninas conviviam com o mundo adulto em todas as suas nuances” (FELIPE, 2013, p. 59).

(Re)Configurações familiares

Mediante a firmeza e determinação de Carlão ao emitir a sua justificativa fiel aos fatos para os pais, estes permaneceram à mesa em silêncio e logo depois foram empreendendo um diálogo, rememorando e constatando que muitas das brincadeiras mencionadas pelo filho também fizeram parte da infância de ambos. E assim, “os três pareciam ter ficado alegres, de repente. As meninas convidaram Carlão outras vezes para brincar com elas. Ele sempre aceitava” (DRUMMOND, 1999, p. 12).

Na sequência narrativa, a rotina familiar reconfigurou-se em relação ao tratamento dos pais com Carlão, banindo ações de violências (verbais e físicas) e, conseqüentemente, situações de solidão do infante protagonista. Eles o compreendiam, inclusive, concordando que o filho chorasse por ocasião da fratura de um braço, provocando o pai a lembrar a educação rígida, machista e patriarcal que recebera na infância, confessando ao filho: “- Meu pai, seu avô Angelino, era muito bravo, Carlão, e eu não podia chorar quando me machucava. Mas agora me lembro que dói dobrado, você tem razão!” (DRUMMOND, 1999, p. 15).

Nessa parte da narrativa há o reconhecimento, por parte dos pais, do erro em simplesmente repetirem impensados e religiosamente normas e valores socioculturais que podem mudar com a configuração dos tempos. O mais importante, contudo, é o reconhecimento do equívoco destas práticas e evitar repeti-las na educação do filho. Essa negação à repetição das práticas e costumes inter-geracionais faz com que a criança cresça de uma maneira mais saudável, menos preso aos estereótipos sexistas e aberto à convivência com pessoas pertencentes a outro gênero de maneira saudável e cooperativa.

Outro personagem entra no encaminhamento para o desfecho da narrativa: há a chegada de um novo menino ao prédio. Ele é convidado por Carlão para juntar-se ao grupo para compartilharem as brincadeiras. O garoto mostra-se resistente às brincadeiras das meninas. Porém, Carlão, mais uma vez, media a desmistificação das bases infundadas do preconceito de que menino não poderia brincar com menina. O vizinho novato é convencido de que as brincadeiras são atos interativos de convivência, independente da barreira imaginada entre as relações entre os sexos e ainda que estas não são determinantes na identidade de gênero e orientação sexual do indivíduo.

Figura 01 - Carlão brincando de boneca



O desfecho da narrativa se dá com a brincadeira ativa, interativa e feliz entre os amigos e as amigas da mesma faixa etária (Figura 01) em que o seguinte diálogo é empreendido:

- As bonecas aqui, meu caro, têm pai: eu sou o pai delas! – completou ele.

- Ei! Você não é o único homem aqui, não! Eu também sou pai das bonecas! – disse outro menino.

- Eu também! – gritavam e riam todos os meninos.

E, como se fosse ensaiado, a Marcela ilustrou o que eles disseram: de salto alto, batom e pasta executiva na mão, ela saiu do banheiro, distraída, e pediu:

- Meu bem, você poderia levar o nenê à creche, hoje? Estou atrasada para uma reunião importante no escritório.

Carlão tirou a boneca do berço, dizendo carinhosamente:

- Venha, fofinha, venha com o papai... (DRUMMOND, 1999, p. 16).

Neste contexto da narrativa, associada à ilustração da figura 01, é importante verificar as brincadeiras que as crianças praticam, lideradas pelo gênero feminino, o sexo masculino reconfigura seu papel majoritário, embora ainda considere-se a figura-mor. As meninas, apesar de emancipadas socialmente, ainda pressupõem a maternidade como destino obrigatório e soma-se à ideia de feminilidade a uma grande preocupação com a aparência física e o consumo exacerbado como um imperativo de vida, como pontua Jane Felipe:

[tudo] em nome da beleza (...) como algo inerente ao feminino, aliada sempre ao supérfluo, ao consumo desenfreado, ou seja, não basta ter apenas a boneca tal, é preciso ter todos os modelos e variações da mesma boneca e seus respectivos acessórios. Outros itens se somam aos brinquedos, tais como maquiagem, roupas, calçados, perfumes, etc., na tentativa de reafirmar a beleza e a vaidade como algo natural (2013, p. 56).

Este desfecho demonstra a formação de uma sociedade em que as bases da família são reforçadas, sobretudo em uma dinâmica que demonstra as novas configurações familiares com a emancipação feminina que atualmente também exerce funções públicas. Tal fato demonstra que, mesmo “em crise, desfeita, recomposta, horizontalizada, múltipla, seja como for, a família não saiu de moda. É bem verdade que vem sofrendo profundas modificações, mas nunca foi tão almejada e reivindicada” (MARACAJÁ, 2013, p. 292) como atualmente.

Nesta reconfiguração familiar, há também o redimensionamento dos papéis exercidos pelos membros que a compõem, entre eles, podemos mencionar a suposta “crise da infância contemporânea ou até mesmo seu [possível] desaparecimento” (FELIPE, 2013, p. 54). Dito isto, urge a necessidade de se repensar e reformular as práticas educativas infantis, com políticas públicas educacionais atreladas ao reconhecimento de quem é de fato este sujeito social de direitos denominado “criança”.

Reforçamos que entre estas modificações está o rompimento com uma visão patriarcal, pela qual o progenitor desempenha apenas o papel de provedor e pouco pratica a função de partícipe do lar, com divisão de tarefas domésticas e cuidados com os filhos.

Na verdade, para que crianças cresçam mais saudáveis, psicologicamente e afetivamente, é necessário pais mais presentes e menos ausentes, que possibilitem liberdade e criatividade aos seus filhos, como é o caso da paternidade de João W Nery - um transexual brasileiro que relata sua autobiografia no livro *Viagem Solitária - Memórias de transexual, trinta anos depois* (2011), considerado o primeiro homem transexual cirurgiado no Brasil, durante a ditadura militar em 1977, vinte anos antes das cirurgias serem legalizadas (submeteu-se a mamoplastia masculinizadora e a pan histerectomia). Aos 37 anos, assumiu a paternidade da gravidez de sua companheira. Ela, quando o filho estava com 13 anos, contou-lhe a história verdadeira sobre o sexo biológico de seu pai adotivo, o que os aproximou mais. Hoje, este jovem é bem sucedido, heterossexual, casado e graduado em Engenharia Mecânica. No livro em questão, João W Nery afirma: “Quando minha ex-

mulher disse ao meu filho que o pai dele era um transexual ele disse “tá bom”, fugiu e veio para a minha casa” (NERY, 2011, p. 277).

Ainda em relação à liberdade concedida ao filho para construir sua própria subjetividade, ele acrescenta:

Meu filho brincava com o que ele queria, quando criança. De bola, de carrinho, de boneca... Ele optou pela heterossexualidade, mas se fosse gay, se fosse trans, para mim, não faria a menor diferença. O importante é que ele seja feliz com sua escolha (João W Nery⁸).

Concordamos com João W Nery e cremos que o fato de uma criança do sexo masculino brincar de boneca durante a sua infância possibilitará muito menos estranhamento do pai adulto em compartilhar os cuidados com os futuros prováveis filhos durante o exercício da paternidade (vale ressaltar que a a jurisdição já reconhece o direito à licença-paternidade, garantido tempo para os cuidados com o bebê que nasce ou com a criança adotada), uma vez que, devido à emancipação feminina, a mulher, indiscutivelmente, passou a marcar o seu território no mercado de trabalho, conforme o ato ilustrado no desfecho da narrativa.

Nesse sentido, visualizamos nas conquistas dos estudos de gênero, sexualidade e identidade, a possibilidade de contribuir para uma paternidade mais presente, sensível e acolhedora, configurando assim a premissa de uma geração mais amorosa, menos machista e mais agregadora.

Considerações finais

A narrativa **Menino brinca com menina?** (DRUMMOND, 1999) retrata que geralmente não temos uma relação simples, transparente e inegável com o sexo biológico. Somos submetidos a transitar socialmente pelo âmbito discursivo. E é esse processo que interessa à teoria dos estudos de gênero. As normas heterossexuais pesam sobre as *performances*⁹ e, no caso do enredo em questão, estas normas foram recebidas e repassadas através dos próprios pais biológicos que muitas vezes as perpetuam como verdadeiros fantasmas, definindo as escolhas de vida ainda na própria infância.

Necessitamos de mais protagonistas como Carlão que não aceita passivamente as regras de gênero socialmente impostas, mas negocia e reconfigura toda uma dinâmica sociocultural em seu meio, no sentido de promover mais igualdade, liberdade e fraternidade. Este tripé, embora considerado utópico na atualidade, pode representar a luta e os anseios de um mundo melhor para se viver.

Ainda em relação à infância, é importante perceber que as práticas socioculturais nos levam a conceber a brincadeira como algo relacionado à “natureza infantil” e muitas vezes não problematizamos essas simples ações ensinadas e cultivadas no mundo pueril. Na maioria das vezes, não notamos que “os brinquedos e as brincadeiras [são] utilizados de forma a garantir as normas de gênero” (FELIPE e BELLO, 2009, p. 150) hegemonicamente aceitas.

Estas heteronormas estabelecem o que se pode fazer para ser um homem ou uma mulher na sociedade em que se vive. Torna-se importante, portanto, que negociemos com estas normas. Alguns as seguem como norte, outros as rejeitam, alguns as detestam, mas se conformam, outros brincam da ambivalência. No caso deste enredo, as normas, embora com os papéis sexuais definidos, foram negociadas e adaptadas às demandas contemporâneas com finalidade de contribuir para a formação de uma subjetividade infantil autônoma, crítica e reflexiva. Vale ressaltar, por fim, que essas normas de gênero são sempre objetos de discussão política.

⁷ A naturalidade surpreendente com que o adolescente reage diante da notícia da transexualidade do pai demonstra que as crianças podem ter estrutura psicológica suficiente para enfrentar os dilemas da vida, desde que sejam educadas no diálogo aberto e acolhimento mútuo.

⁸ Resumo de palestra proferida na Sociedade Semear, sediada em Aracaju/Sergipe. Disponível em: <http://bangalocult.blogspot.com.br/2012/12/simplesmentejoao.html>. Acesso em: 22 abr. 2015.

⁹ O termo “performance” aparece destacado aqui em itálico com o objetivo de referir-se à teoria da performatividade desenvolvida por Judith Butler (2008). Há diferença teórica entre a performatividade dos gêneros e a ideia de performance de artes cênicas. Em outras palavras, a autora afirma que não há identidades de gênero, o que prevalece ao longo da vida dos sujeitos são atos performativos.

Referências

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

_____. **As Tecnologias que fazem o gênero** In: VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero, Curitiba: UFPR, 2010.

_____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DRUMMOND, R. **Menino brinca com menina?** Ilustrações de Zed. 3. ed. Cia de Melhoramentos de São Paulo, 1999.

FELIPE, J. **Erotização dos corpos infantis**. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J. e GOELLNER, S. V. **Corpo, Gênero e sexualidade** – um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FELIPE, J. e BELLO, A. T. **Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da Educação Infantil**. In: JUNQUEIRA, R. Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: Problematizações sobre Homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/UNESCO, 2009.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARACAJÁ, M. A. **Parentalidades à la carte e a utopia pós-sexual**. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da; RIBEIRO, Maria Goretti. **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

MOSÉ, V. **A Escola e os Desafios Contemporâneos**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2014.

NERY, J. W. **Viagem Solitária** - Memórias de um transexual 30 anos depois, São Paulo, ed. Leya, 2011.

SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em 17 de fevereiro de 2018.

Aceito em 19 de fevereiro de 2018.